



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da 13ª Conferência Nacional de Saúde – Edição 2007

Pavilhão do Parque da Cidade – Brasília-DF, 14 de novembro de 2007

Bom, eu vou começar cumprimentando a massa, em primeiro lugar, porque me parece que a hegemonia feminina aqui é absoluta. Eu confesso a vocês que nunca me senti tão em minoria.

Mas, de qualquer forma, eu queria começar cumprimentando o presidente do Senado, o nosso companheiro Tião Viana; o nosso presidente da Câmara, Arlindo Chinaglia. Por coincidência, os dois são médicos.

O nosso querido companheiro José Gomes Temporão, ministro da Saúde,

O nosso companheiro Arlindo Vicente de Assunção Carvalho, ministro da Saúde de São Tomé e Príncipe,

Cumprimentar, aqui eu estou vendo alguns ministros, o ex-ministro Agenor, o Ministro da Pesca, a Ministra da Secretaria de Igualdade Racial,

Cumprimentar o deputado Darcísio Perondi, presidente da Frente Parlamentar de Saúde,

Cumprimentar os parlamentares aqui presentes,

Cumprimentar o Ruben Figueroa, representante da OPAS/OMS no Brasil,

Cumprimentar Dom Dimas Lara Barbosa, secretário-geral da CNBB,

Cumprimentar o senhor Francisco Batista Júnior, presidente do Conselho Nacional de Saúde e coordenador-geral da 13ª Conferência Nacional de Saúde,

Cumprimentar o Osmar Terra, presidente do Conselho Nacional de Secretários de Saúde e Secretário de Saúde do Rio Grande do Sul,



Cumprimentar o senhor Helvécio Miranda, presidente do Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde e Secretário Municipal de Saúde de Belo Horizonte,

Cumprimentar as companheiras e os companheiros membros do Conselho Nacional de Saúde,

Cumprimentar os companheiros e as companheiras delegados e delegadas desta 13ª Conferência Nacional de Saúde.

Eu, quando vinha para cá, eu vinha pensando... Eu tinha um discurso escrito, e o discurso escrito falava muito da saúde. E eu comecei a pensar com os meus botões: “Por que eu vou falar tanto de saúde numa conferência em que só tem especialista em saúde e o único leigo sou eu?”. Ou seja, preciso tentar dizer outras coisas. Aprendi com a minha mãe, desde pequenininho: “Cada macaco no seu galho”. Aí, a gente não incomoda tanto.

Mas eu penso que nós estamos vivendo um momento importante no País. Um momento em que, outro dia eu disse, me sinto o presidente mais feliz deste País pelo que fiz, e me sinto, ao mesmo tempo, o presidente mais triste pelo que eu não fiz. Porque o acúmulo de carência do País é de tal magnitude que quanto mais nós trabalhamos, mais nós descobrimos por quanto tempo tantos governantes ficaram sem fazer a lição de casa neste País.

Se cada um, historicamente, tivesse feito a sua parte, o somatório dessas pequenas realizações, quem sabe, permitisse que nós tivéssemos um programa de saúde à altura das necessidades do nosso povo brasileiro. Saúde que uma parcela tem, de boa qualidade. Não existe máquina moderna no mundo – porque hoje está cheio de máquina ocupando o lugar de médico – mas as máquinas são tão sofisticadas, descobrem tanta coisa, que uma parcela da população pode ter porque paga, e a maioria da população brasileira só tem acesso de forma carente, porque o SUS garante que essas pessoas tenham acesso.



Alguns reclamam que pagam muito por um plano médico, e reclamam que o SUS não funciona. Primeiro, é importante a gente ter claro que os companheiros que são atendidos pelo SUS não são apenas os pobres deste País. Depois, é importante saber que quando chegar alguém perto de vocês e disser que paga muito caro pela saúde e por isso ele tem um bom plano, é importante que vocês saibam que quem paga a saúde desse cidadão que diz que tem um bom plano é o povo brasileiro, porque ele desconta no Imposto de Renda o que ele paga. Nós precisamos desmistificar essas coisas, Temporão, porque senão dá a impressão de que o pobre deste País só significa gasto, só significa despesa. Também não se leva em conta que uma pessoa, quando está com saúde, tem uma capacidade produtiva para o País infinitamente maior do que se ela estiver doente. E o SUS é exatamente para isso. Falta muito para fazer? Falta. É preciso aperfeiçoar? É. Mas eu penso que nós estamos andando num momento importante para construir o que falta construir.

É importante lembrar, companheiros e companheiras, que quando nós chegamos aqui, em 2003, o Brasil contava com 175 mil agentes comunitários de Saúde, o serviço beneficiava 90 milhões de pessoas ou 52% da população em cinco mil municípios. Em 2007, nós já temos 221 mil agentes de Saúde, crescemos em quase 50 mil. O serviço agora atende, não mais 52% da população ou 90 milhões. Atende 109 milhões e 58% da população, em praticamente quase todos os municípios brasileiros: 5 mil e 313. Temos, hoje, portanto, 26% a mais de agentes comunitários de Saúde neste País.

Quando eu cheguei aqui, o Brasil contava com 16 mil e 734 equipes do programa Saúde da Família, beneficiando 55 milhões e 4 mil pessoas, ou 31,9% da população, distribuída em 4 mil e 173 municípios. Atualmente, nós saímos de 16 mil equipes para 27 mil e 454 equipes implantadas, beneficiando 87 milhões de pessoas em 515 municípios, ou 47% da população brasileira em 5 mil e 131 municípios, Arlindo. Você vai prestando atenção, para você fazer discurso na Câmara, defendendo o SUS e defendendo a CPMF, como já



defendeu lá na Câmara dos Deputados. O número de equipes cresceu, meu caro Ministro da Saúde, 64%, e mais 32 milhões e 400 mil pessoas passaram a ser atendidas.

Quando eu cheguei aqui, o Brasil contava com 4 mil e 261 equipes de saúde bucal, beneficiando 26 milhões e 170 mil pessoas, em 2 mil e 302 municípios. Certamente, quando muita gente procurava, não estava funcionando. Atualmente, graças ao programa Brasil Sorridente, o País conta com 15 mil e 934 equipes implantadas, beneficiando, teoricamente, 77 milhões e 174 mil pessoas, em 4 mil e 418 municípios. Temos, portanto, mais 274% de equipes e mais 50 milhões e 944 mil pessoas recebendo atendimento. O Ministério da Saúde iniciou a implantação dos Centros de Especialidade Odontológica, porque antigamente pobre só arrancava dentes.

Sabem por que o Brasil nunca levou a sério a questão odontológica, a questão da saúde bucal, como questão de saúde pública? Nunca levou a sério porque a impressão que eu tenho é que rico não tem dor de dente. Rico vai ao dentista desde pequeno. Pobre é que começa a colocar carqueja, gengibre, cachaça no algodão, álcool 90º no algodão. É verdade, gente, pobre sofre demais. Arlindo, quando eu fui preso, em 1980 – se você tiver dúvidas, Tião, pergunte para o Romeu Tuma – eu estava fazendo um tratamento de canal. Quando eu fui preso, pedi para minha mulher levar agulha para mim, dentro da cadeia. Quando o dente começava a doer, e eu acabava de comer, sabem o que eu fazia? Eu ia para o espelho limpar o meu dente com aquela agulha. Até que um dia estourou, a boca inchou e o Tuma, às duas horas da manhã, arrumou um dentista, que estava com medo de me machucar como eu nunca vi alguém com medo na vida. Naquele tempo, tinha muito agente de saúde, já nas ruas, fazendo luta em solidariedade à greve dos trabalhadores metalúrgicos, e a gente tinha muita força. Pois bem, o que significa o Samu neste País, Temporão? É muita coisa, e ainda teve prefeitos, no Brasil, que ficaram meses com as ambulâncias paradas nas suas cidades e não utilizaram.



Pois bem, eu estava dizendo esses números aqui, para dizer para vocês que nós estamos diante de um momento delicado. Eu acho que vocês precisam ter clareza do seguinte: Eu já fiz, nesses quatro anos e meio de mandato... Já participei de 47 conferências, e tudo por causa da experiência da Conferência Nacional de Saúde. Aqui, nós já fizemos Conferência Nacional dos Índios, Conferência Nacional dos Portadores de Deficiência, Conferência Nacional da Igualdade Racial – agora, vai ter a Conferência Nacional de Homossexuais, de Lésbicas, das minorias tão marginalizadas neste País –, já fizemos Conferência da Criança, já fizemos Conferência da Mulher. Por causa da experiência das Conferências Nacionais de Saúde, nós já fizemos 47 Conferências Nacionais, envolvendo mais de 2 milhões e meio de pessoas, participando das Conferências.

E vocês não se preocupem, porque eu tenho consciência de que na medida em que a sociedade vai conquistando um milímetro, ela quer mais um milímetro, ela conquista mais um, ela quer mais um. Tem gente que não gosta. Agora, eu fico feliz porque se não fosse vocês, o sistema de saúde neste País, quem estaria sentado agora não seria o povo brasileiro, seria o Temporão com o dono da rede de hospital particular, pedindo mais dinheiro para cuidar da Saúde, que atende pouca gente.

Na medida em que vocês resolveram se organizar, e certamente o Saraiva foi contribuinte, certamente o Agenor foi contribuinte, como militantes, antes de serem ministros, Humberto Costa e tantos outros. O dado concreto é que hoje nós temos a convicção de que vocês podem orientar o governo federal a elaborar políticas públicas de Saúde, mas não basta orientar o governo federal, orientar o prefeito e orientar o governador. É preciso que a gente saiba que a Emenda 29... eu só exigi que o companheiro Arlindo não tivesse... Porque havia uma divergência no governo: coloca para regulamentar ou não? E eu disse para o Arlindo: “Vamos regulamentar, porque vamos acabar com essa história de mentir, neste País”. Muitas vezes, numa cidade,



quando tem remédio, o sucesso é do prefeito, quando falta remédio a culpa é do governo federal.

A verdade, nua e crua, é que a Emenda 29 vai permitir que cada estado brasileiro cumpra com a sua obrigação de investir 12% da sua arrecadação na Saúde. Porque tem estado, tem apenas 7 estados da Federação contribuindo com 12%. E depois, também, é preciso definir o que é investimento em Saúde. Daqui a pouco o cidadão quer fazer uma academia de ginástica e fala: “É do dinheiro da Saúde”. É mais fácil ir para a Secretaria de Esporte e pedir esse negócio. Ora, é preciso que a gente regulamente.

Pois bem, o que aconteceu? Nós fizemos a regulamentação, foi feito um grande acordo com o Colégio de Líderes no Congresso Nacional, com o Ministério da Saúde, com os deputados que cuidam da Saúde, fizeram até uma marcha em Brasília, foi feito um acordo. Esse acordo vai colocar na Saúde, até 2011, mais 24 bilhões de reais além do crescimento do PIB. Pois bem, a Saúde pode ter um crescimento, até 2011, de 32 bilhões de reais, se não me falha a memória. Como depois você vai fazer uma conferência, Temporão, se não for isso, você explica corretamente.

Agora prestem atenção numa coisa: não é apenas isso. Vocês viram que nós já aprovamos o PAC, já colocamos 40 bilhões de reais para cuidar de saneamento básico nas principais regiões metropolitanas deste País. Já colocamos 2 bilhões para cuidar das cidades com até 150 mil habitantes. E já colocamos 4 bilhões do PAC/Funasa para levar água potável para os índios e para os quilombolas, para levar esgotamento sanitário. Porque tudo isso faz parte de um programa que atende à Saúde.

E obviamente que tem a votação da CPMF. E eu estou ouvindo ali os debates: “Eu vou votar contra por causa disso, eu vou votar contra por causa daquilo”. Hoje eu disse para a imprensa que estou muito tranquilo em relação à CPMF. Primeiro, porque este País é um país democrático, ele tem Câmara, tem Senado, às vezes votam naquilo que a gente gostaria que votasse, às



vezes votam contra, às vezes pioram uma coisa que eu mando para votar e, muitas vezes, melhoram muitas das coisas que o governo manda para lá. Aí a Câmara vota, depois vai para o Senado, às vezes o Senado desmancha o que a Câmara fez, porque faz parte da democracia, volta para a Câmara, a Câmara conserta. Nada a reclamar, porque esse é o jogo democrático do País.

A Câmara aprovou não apenas a regulamentação da Emenda 29, e nós tivemos o bom senso de rediscutir no Senado, para que a gente permita que os estados tenham tempo de recuperar o que não contribuíram no mesmo período da implantação do plano, para que não haja uma exigência que o estado coloque o que não tem para colocar. Eu poderia dar um exemplo de um estado que só contribui com 6%. Ou seja, imaginar que esse estado pode dar um pulo de 6% para 12% num único ano é complicado. Então, nós queremos que ele tenha, também, 4 anos para poder se moldar.

Agora eu estou vendo as pessoas dizerem para votar contra a CPMF. Às vezes eu tenho a impressão, e a imprensa trabalha muito isso, gostosamente, tentando vender uma briga entre o Senado e o governo. Primeiro, parem com essa bobagem de vender briga entre o Senado e o governo, porque o “Lula Paz e Amor” não vai brigar com o Senado. Não vou brigar com o Senado. Votar contra ou a favor é o estado de consciência que vai tomar conta dos senadores no dia em que eles tiverem que votar. Se votarem contra, é um resultado tão legítimo quanto se votarem a favor. Agora, também não têm que prestar contas para mim. Eu jamais vou cobrar de um senador da República. Até porque o Presidente não pode cobrar, o mandato de presidente é só de quatro anos e o deles é de oito. Então, o presidente tem que ser mais comedido.

Agora, é importante que os deputados que votaram favoráveis à CPMF, que a bancada da Saúde no Congresso Nacional, que é o maior partido do Congresso e o mais unitário, comecem a mapear, neste País, quanto da CPMF vai para cada estado. Quanto o Rio Grande do Sul recebeu no ano passado e recebe neste ano, para a Saúde, da CPMF? E vamos perguntar para a



governadora se ela pode prescindir desse dinheiro. Vamos perguntar para o estado de São Paulo se o governador Serra pode prescindir do dinheiro. Se cada governador e cada prefeito puderem prescindir do dinheiro, significa que eles vão cumprir o que a CPMF dá hoje, então não vamos ter tantos problemas. Mas é preciso começar a perguntar, porque eles pensam que estão brigando comigo. Eu não quero brigar e não vou brigar. A briga não é comigo. Eles têm que explicar para os quase 5 mil e 600 municípios brasileiros quem vai dar o dinheiro para a Prefeitura cuidar da Saúde. Não é para mim. Eles vão ter que explicar para os estados, 17 que não cumprem aquilo que está na Constituição, quem vai dar dinheiro para a Saúde. Não sou eu.

Por isso é importante ter vocês, porque em cada cidade vocês podem chamar o prefeito e falar: “Prefeito, não vai fazer nada? Está se mancando aí, por que, Prefeito? A hora em que não vier o dinheiro do governo federal, da CPMF, como é que você vai tratar da Saúde, prefeito? Não está na hora de você fazer uma passeatinha em Brasília e fazer uma marcha? Não está na hora de ir à capital conversar com o seu senador?” Ora, num jogo democrático, o mais tranquilo possível é a gente começar a dizer a verdade neste País, porque muita gente fica acobertada em cima dos números e não diz. Aliás, eu queria prestar uma homenagem aqui em público. Primeiro, ao Tião e ao Arlindo, porque a Emenda 29... aí pode colocar o Roberto Gouveia na mesma cesta de médico bem-intencionado com a Emenda 29, pode colocar todos os médicos da Saúde, pode colocar o presidente da Comissão, todo mundo merece parabéns. Mas se tem uma pessoa que merece parabéns é o Adib Jatene, pelo que ele fez ao Paulo Skaf em São Paulo.

A verdade é a seguinte. Essas pessoas, sobretudo os ricos, porque pobre não paga CPMF, vamos ser claros. CPMF é coisa de rico, não é coisa de pobre. Vejam, na proposta que nós fizemos, quem ganha até um limite tal, deixará de pagar. Vai ter um limite importante que vai tirar 90%. O dado concreto e o dado muito objetivo é que essas pessoas precisariam, sobretudo



uma parte empresarial, não apenas reclamar de quanto pagam. É dizer publicamente, também quanto ganham, quanto lucraram nesses quatro anos do meu governo, como estão as suas empresas. Se a sociedade não for esclarecida, Tião, – e tem que fazer esse debate – a gente fica falando no escuro, a gente fica votando sem saber, e o povo fica olhando “que discussão é essa? CPMF ou não?”. Então, vamos fazer o debate às claras, porque se todo mundo entender, o prefeito entender que não precisa de dinheiro, o governador entender que não precisa de dinheiro, eu sou doido de ficar brigando, Arlindo? Eu não sou doido, eu não vou brigar com ninguém.

Agora, essa é uma questão séria, extremamente séria, porque o que está em jogo não é apenas a CPMF. É que, junto com a CPMF, tem a regulamentação da Emenda 29. E eu quero saber quem é que vai assumir publicamente a responsabilidade de estar inviabilizando o PAC da Saúde, porque no PAC da Saúde, o Temporão, que deve discutir e anunciar aqui, nós vamos tentar fazer uma pequena revolução na Saúde, que eu vivi na década de 60, ou melhor, em 1958. Eu freqüentava uma escola pública que tinha dentista, que tinha médico.

Então, nós vamos precisar levar para a escola pública brasileira... quando a criança entra, nós precisamos descobrir se a criança tem problema de visão, então é preciso que, de vez em quando, o oftalmologista vá à escola para fazer um teste de tabela, pelo menos, naquela criança. É preciso que a gente leve dentista à escola, para não permitir que uma pequena cárie na criança vire um poço da Petrobras. E é preciso que a gente leve, e no nosso Programa está colocado isso, duas consultas anuais, pelo menos, para crianças na escola, para a gente fazer a chamada medicina preventiva com as crianças brasileiras, já que elas estão concentradas em uma escola. E tudo isso, as pessoas vão ter que dizer se vão ou não inviabilizar.

Portanto, eu quero dizer para vocês. A minha parte, nós estamos fazendo. A Câmara já fez a dela, o governo está fazendo a dele. Agora, o que



nós queremos é que, da forma mais democrática e saudável possível, os senadores façam a deles. Agora, prestem atenção: vocês, nesse episódio, têm tanta ou mais responsabilidade do que eu para que seja aprovada no Congresso Nacional. Aqui todo mundo sabe que o poder de reivindicação de vocês é muito forte, todo mundo sabe que a Saúde não tem médico de direita, de esquerda, de centro. Eu já vi debates memoráveis na Câmara dos Deputados, de médicos ideologicamente de direita, com discursos semelhantes ao maior médico de esquerda. Portanto, quando as pessoas são sérias na questão da Saúde, a questão ideológica não vale. O que vale é melhorar a qualidade da saúde do povo brasileiro e o SUS é a melhor oportunidade que a gente tem de consagrar isso.

Muito obrigado, boa sorte e espero que vocês tenham boas e grandes decisões aqui.